



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia
2016

**Jéssica Mélanie da
Silva Santos**

**Relação entre a ansiedade social, agressividade e
regulação emocional e a perceção de diversas
caraterísticas sociais em faces**



JÉSSICA MÉLANIE DA SILVA SANTOS **Relação entre a ansiedade social, agressividade e regulação emocional e a perceção de diversas características sociais em faces**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Saúde e Reabilitação Neuropsicológica realizada sob a orientação científica da Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

“It always seems impossible until it’s done”.

Nelson Mandela

o júri

presidente

Professora Doutora Anabela Maria Sousa Pereira

Professora Associada com Agregação do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos

Bolseira de Pós-Doutoramento da Universidade de Coimbra – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Professora Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos

Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Torna-se complicado enumerar todas as pessoas que fizeram parte do meu percurso ao longo destes cinco anos.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Professora Isabel Santos por toda a paciência e disponibilidade na realização deste trabalho. Assim como todo o apoio e dedicação.

Agradeço, de coração, aos meus pais por me terem dado a oportunidade de seguir os meus objetivos e estarem sempre lá com palavras de conforto e carinho quando as coisas não corriam como esperado e por festejarem comigo os diversos obstáculos ultrapassados que foram aparecendo ao longo da minha vida. Ao meu irmão, que para mim será sempre o meu exemplo a seguir e que a cada dia me faz ser mais confiante e mais positiva.

À Teresa e à Félix por terem estado do meu lado desde o primeiro dia neste percurso, por me terem ajudado a crescer e me terem feito ser melhor pessoa. Também lhes agradeço pelos momentos que passamos juntas, desde as saídas à noite, às tardes sempre bem passadas, aos desabafos e mesmo aos raspanetes.

Ao Pedro, que desde o primeiro dia que entrou na minha vida se tornou uma pessoa especial. Pela enorme paciência ao aturar-me diariamente, por me fazer ver o lado bom da vida e por nunca me ter deixado desistir, mesmo quando esta parecia a solução mais fácil.

À Liza, por ter entrado na minha vida com tanta facilidade e me deixar o conforto de que esta amizade irá permanecer. Por ter partilhado um ano da sua vida comigo, ajudando-me nos momentos menos bons e partilhando os melhores momentos comigo.

À Sara, à Beatriz, à Gabriela, ao Nascimento, ao Bruno e à Sarmento por me fazerem acreditar mais em mim como pessoa.

À Madalena, ao Nuno, à Andreia, à Serra, à Salu e à Filipa pela marca que deixaram na minha vida e por me deixarem ser eu própria com eles em todos os momentos que partilhamos.

A todas as outras pessoas que ao longo destes cinco anos passaram pela minha vida e me ajudaram a ser quem sou.

palavras-chave

Ansiedade social, agressividade, regulação emocional, percepção de faces, características sociais

resumo

Estudos indicam que ao olharmos para uma face atribuímos-lhe automaticamente características sociais. É ainda importante referir três outras vertentes estudadas: a primeira em que estudos indicam que indivíduos ansiosos socialmente percebem as faces como mais negativas, a segunda na qual indivíduos potencialmente agressivos avaliam as faces de modo mais negativo e ameaçador que a média e uma terceira entre indivíduos que possuem ansiedade social, que leva a uma desregulação emocional e consequentemente uma avaliação enviesada de faces devido a baixa capacidade de gestão e avaliação de emoções. Posto isto, o trabalho visa relacionar as características sociais com as três vertentes individualmente estudadas (ansiedade social, agressividade e regulação emocional), tendo por base a ligação que existe entre as anteriores e a percepção de faces. Para tal, foram aplicados três instrumentos de auto-relato (Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social, Questionário de Agressividade e Questionário de Regulação Emocional) e uma tarefa de percepção de características sociais em faces, numa amostra de 84 indivíduos. Os resultados obtidos demonstram que a ansiedade social se correlaciona positivamente com a acessibilidade, feminilidade/masculinidade e inteligência. Por sua vez, a agressividade, correlaciona-se negativamente com a feminilidade/masculinidade e acessibilidade. Já a regulação emocional correlaciona-se positivamente com a dominância e confiabilidade. Estes resultados apontam para a importância das inferências de forma automática, contudo concluiu-se que apesar da característica social mais relevante ter sido a feminilidade/masculinidade, apenas parece ser significativa na ansiedade social. No entanto, de uma forma geral, as características individuais não se associam a determinados enviesamentos na avaliação de traços.

keywords

Social anxiety, aggressiveness, emotional regulation, perception of faces, social characteristics

abstract

Studies show that when we look at a face we automatically attribute it social characteristics. It is also important to mention three other subjects studied: the first one regarding studies indicating that socially anxious individuals perceive the faces as more negative, the second one about potentially aggressive individuals and the way they evaluate the faces in a more negative and threatening way than the average and a third one among individuals having social anxiety, leading to emotional dysregulation and consequently to a skewed assessment of faces due to poor management and assessment of emotions. Therefore, the aim of this study is to relate the social characteristics to the three subjects studied individually (social anxiety, aggressiveness and emotional regulation), based on the connection between the previous ones and the perception of faces. In order to do that, three self-reporting tools were applied (Anxiety and Avoidance Scale in Situations of Social Interaction, Aggression Questionnaire and Emotional Regulation Questionnaire) and also a task of perceiving social characteristics on faces, in a sample of 84 individuals. The results show that social anxiety correlates positively with accessibility, femininity/masculinity and intelligence. In turn, aggressiveness, correlates negatively with femininity/masculinity and accessibility. Emotional regulation, however, correlates positively with dominance and reliability. These results point to a value of the inferences automatically, however concluded that although the most relevant social characteristic was femininity /masculinity, it only seems to be significant in social anxiety. However, in general, individual characteristics are not associated with certain biases in the evaluation of traits.

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 1 |
| Metodologia | 10 |
| Participantes..... | 10 |
| Materiais | 10 |
| <i>Estímulos visuais</i> | 10 |
| <i>Instrumentos de auto-relato</i> | 11 |
| Procedimento | 12 |
| Resultados | 13 |
| Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social ... | 13 |
| Questionário de Agressividade | 15 |
| Questionário de Regulação Emocional..... | 16 |
| Discussão..... | 17 |
| Referências Bibliográficas | 21 |
| Anexos..... | 27 |

Índice de tabelas

Tabela 1 - Correlações entre a percepção de características sociais e a medida de ansiedade social para a amostra **14**

Tabela 2 - Correlações entre a percepção de características sociais e a medida de agressividade para a amostra **15**

Tabela 3 - Correlações entre a percepção de características sociais e a medida de regulação emocional para a amostra **16**

Introdução

A face humana é de elevado interesse para os psicólogos devido à habilidade bem desenvolvida dos seres humanos em processar, reconhecer e extrair informação de outras faces (Little, Jones, & Debruine, 2011). Através da percepção de faces pode concluir-se acerca da entidade ou estado emocional (Leopold & Rhodes, 2010), elaborar inferências do humor, do nível de interesse e das intenções da pessoa (Haxby, Hoffman, & Gobbini, 2002), assim como tirar conclusões acerca de características de personalidade (Little et al., 2011). Segundo Solomon Asch (1948). “Olhamos para uma pessoa e imediatamente uma certa impressão do seu caráter forma-se por si em nós” (as cited in Mende-siedlecki, Said, & Todorov, 2013, p.285). Sabe-se então que, de forma automática, quando conhecemos uma pessoa criamos uma primeira impressão, acabando, muitas vezes, por nesta primeira instância, tomar decisões no que toca à disposição de cooperar ou confiar na mesma (Marzi, Righi, Ottonello, Cincotta, & Viggiano, 2012). Decidimos, por exemplo, quem ajudar, quem contratar e até mesmo quem convidar para sair (Zebrowitz, 1997 as cited in Zebrowitz & Montepare, 2010), tudo isto baseado na sua aparência facial. Além disso, a predisposição para julgar os outros através das suas faces parece ser uma característica, além de automática, intuitiva que começa a ser desenvolvida ainda na infância. Estas atribuições mostram um consenso amplo, até mesmo em diferentes culturas (Cogsdill, Todorov, Spelke, & Banaji, 2014). O papel da percepção de faces é então fulcral nas interações sociais ocorridas no nosso dia-a-dia, uma vez que nos oferece diversas informações que nos ajudam nessas mesmas interações (Haxby et al., 2002).

A percepção de faces relaciona-se com as características sociais, uma vez que as pessoas ao olharem para uma face automaticamente atribuem características sociais à mesma (Bar, Neta, & Linz, 2006; Olson & Marshuetz, 2005; Rule, Ambady, & Adams Jr, 2009; Todorov, Pakrashi, & Oosterhof, 2009; Willis & Todorov, 2006). A atratividade, saúde, feminilidade/masculinidade, dominância, agressividade, acessibilidade, competência, inteligência, confiabilidade e caloroso são algumas das características sociais estudadas com mais frequência, sendo estas as estudadas neste trabalho. Sabe-se que, por exemplo, para avaliar a confiabilidade de uma face são necessários apenas 33 ms de exposição, tomando-se automaticamente uma decisão (Todorov et al., 2009).

A atratividade mostra-se como a qualidade de aparência que mais atenção tem arrecadado na pesquisa de impressões faciais. A esta característica social juntam-se outras,

tais como a extroversão, competência e poder social, inteligência, saúde e resposta sexual, devido ao facto das faces mais atraentes serem julgadas de forma mais positiva (Eagly, Ashmore, Makhijani, & Longo, 1991). Em contrapartida, faces dadas como menos atraentes, ou seja, menos simétricas, mais velhas e menos prototípicas para o seu sexo, são associadas a menor competência social, poder social, capacidade de resposta sexual, inteligência e/ou menos saúde, bem como obtêm resultados sociais mais negativos (Zebrowitz & Montepare, 2010).

A masculinidade/feminilidade é avaliada consoante as diversas partes que formam a face. Mandíbulas mais largas, maçãs do rosto mais proeminentes e bochechas mais pequenas levam a caracterizar uma face como mais masculina, uma vez que estas são as características observáveis às quais associamos faces masculinas. As faces mais masculinas tendem a ser consideradas mais dominantes. Por outro lado, as faces masculinas com características consideradas femininas tendem a ser julgadas com baixa dominância. No entanto, as primeiras acabam por diminuir a percepção de ser caloroso, emocional, honesto, cooperativo e ter qualidade como pai (Perrett et al., 1998).

Ao observar uma face podemos inferir que a pessoa é assertiva ou insegura dependendo da dominância percebida na face observada (Hassin & Trope, 2000). Podemos ainda realizar inferências de competência com base em pistas faciais, o que se tem demonstrado fulcral na precisão de resultados eleitorais (Todorov, Mandisodza, Goren A, & Hall, 2005), uma vez que as pessoas acreditam que a competência é uma das qualidades essenciais num político (McGraw, 2003; Todorov et al., 2005 as cited in Marzi et al., 2012). Inerente à competência, são ainda associados traços como inteligência, habilidade, criatividade e eficácia. Por sua vez, julgamentos de confiança variam consoante a pessoa aparenta ser calorosa e honesta (Fiske, Cuddy, & Glick, 2006), ou seja, ao julgar uma face quanto à confiabilidade, estamos a fazer inferências sobre quais as intenções dessa pessoa e se nos devemos aproximar ou evitar a mesma (Oosterhof & Todorov, 2008). Julgar uma pessoa quanto à capacidade de implementar essas intenções, nomeadamente a sua força ou fraqueza advém do fator dominância.

De uma forma geral, as expressões de emoção parecem fornecer um estímulo de realização de inferências de traço nos outros. Exemplo disto é o estudo de Knutson (1996) no qual a avaliação de faces com diversas expressões faciais (felizes, raiva e nojo, e tristeza e medo) resultaram na associação de alta filiação e dominância a expressões

felizes, alta dominância e baixa filiação a expressões de raiva e nojo, e baixa dominância a expressões de tristeza e medo.

As conclusões que tiramos dos julgamentos que fazemos através da percepção de faces podem associar-se a estereótipos, como por exemplo “O que é bonito é bom”, na medida em que, como já referido anteriormente, a indivíduos atraentes se associa atributos positivos de personalidade (Little et al., 2011). Os estereótipos faciais apresentam-se como representações cognitivas de características faciais de determinados membros de grupos sociais (Oldmeadow, Sutherland, & Young, 2016). Se, por exemplo, pedirmos a alguém para imaginar um médico, é provável que a sua resposta passe pela descrição de um homem de meia-idade, saudável e com cabelos grisalhos, enquanto que ao pedir para imaginar um criminoso, a resposta poderá induzir a um homem sinistro, pálido e com a barba por fazer. Respostas como estas são automáticas e mostram que acabamos por criar estereótipos para diferentes membros de grupos. Um estudo de Oldmeadow et al. (2016) tentou demonstrar que estereótipos faciais podem estar relacionados com estereótipos de grupos através de conteúdo semântico compartilhado com base numa avaliação facial consoante a ocupação da pessoa (banqueiro, traficantes, enfermeiras e professores). A mesma foi feita numa escala de 1 (nada estereotipada) a 7 (muito estereotipada) e os resultados indicaram que classificações de estereótipos ocupacionais encontram-se relacionados com características percebidas, sendo que os banqueiros eram percecionados como inteligentes, confiantes, dominantes, masculinos e agressivos; os traficantes como não confiáveis, agressivos, pouco saudáveis, masculinos, dominantes, confiantes, inacessíveis e jovens; as enfermeiras como confiáveis, acessíveis, saudáveis, femininas, confiantes, passivas, vibrantes, inteligentes e atraentes; e os professores como inteligentes, confiáveis, acessíveis, confiantes, saudáveis, dominantes, vibrantes, femininas e velhas (Oldmeadow et al., 2016). Entender as inferências de características sociais com base em faces passa por entender os estereótipos associados, uma vez que os julgamentos têm por base as inferências que fazemos através da percepção de outras características.

Muitas vezes, os julgamentos sociais relativamente a faces têm como base faces emocionalmente neutras. Todavia, estas podem ter uma semelhança estrutural com faces que expressem emoções e isto pode levar a julgamentos de traços (Said, Sebe, & Todorov, 2009). Por vezes deparamo-nos com faces neutras, nas quais as pistas faciais não estão evidenciadas e sendo que o Homem tende a tentar percecionar a intenção do outro, recorre

a associações específicas (Engell, Todorov, & Haxby, 2010); Oosterhof & Todorov, 2008; Said et al., 2009). Por exemplo, a confiabilidade parece estar correlacionada negativamente com julgamentos de raiva e positivamente com julgamentos de felicidade (Said et al., 2009) e a dominância aparenta refletir maturidade ou masculinidade facial (Vernon, Sutherland, Young, & Hartley, 2014).

Apesar de frequentemente utilizadas as faces neutras, as denominadas faces ambientais foram a base no presente trabalho. Numa grande maioria, são usados em estudos faces neutras, utilizando estímulos rigidamente controlados e altamente homogêneos, permitindo assim uma elevada manipulação facial e ignorando a expressão facial natural. Tal facto permite que fatores como a atratividade influenciem a perceção de estímulo mais naturalistas em aspetos fundamentais (Sutherland et al., 2013). Posto isto, o presente trabalho segue o conceito introduzido por Jenkins e seus colaboradores (Jenkins, White, Van Montfort, & Burton, 2011), “face ambiental”, conceito esse que passa pela utilização de faces não rigidamente neutras, mas sim imagens de faces típicas que vemos no dia-a-dia, faces naturais (Vernon et al., 2014). A utilização de imagens ambientais, segundo Jenkins et al. (2011), permite preservar a variabilidade facial natural existente de forma a entender melhor o reconhecimento da identidade (Sutherland et al., 2013). O que varia principalmente nestas imagens é a inclusão de diferenças quanto ao ângulo de visão e iluminação, variedade de expressões, idades e penteados (Vernon et al., 2014), bem como de acessórios como óculos, cabelo facial e *piercings* (Sutherland et al., 2013). Esta variabilidade nas imagens diárias pode desempenhar um papel importante nos julgamentos que fazemos quanto às faces (Vernon et al., 2014).

O interesse nos julgamentos que fazemos apenas com a observação de faces leva-nos a questionar se poderá haver distinção, neste tipo de avaliação, entre pessoas sem ansiedade social ou com ansiedade social baixa e indivíduos com ansiedade social elevada. Sendo que a ansiedade social se caracteriza por um medo intensificado e persistente de, pelo menos, uma situação social ou de desempenho com exposição a uma pessoa desconhecida (Furmark, 2002), entendeu-se ser interessante perceber se este medo de interação leva as pessoas com ansiedade social a olharem para as faces de outra forma. É de realçar que os indivíduos com ansiedade social, também denominada por fobia social, acabam por se julgar negativamente, ter sentimentos de inadequação, embaraço e depressão (Boer, 1997), o que os leva a evitarem a maioria das situações de interação

social (Schneier et al., 1994 as cited in Machado-de-Sousa et al., 2010), assim como a evitar o contacto visual (Mark et al., 1969 as cited in Machado-de-sousa et al., 2010). Quando se encontram perante situações sociais, os seus níveis de ansiedade tornam-se elevados e existe uma limitação substancial no seu dia-a-dia, ou seja, em consequência a sua qualidade de vida é menor (Cairney et al., 2007; Gren-Landell et al., 2008; Walsh, 2002). Tudo isto interfere com o processamento normal de informação em situações de interação social que, por sua vez, conduz ao enviesamento de atenção e interpretação. No entanto, a relação entre a ansiedade social e a interpretação de sinais sociais e emocionais tem demonstrado diferentes resultados quanto à sua ligação a expressões faciais.

A literatura coletada quanto à temática subjacente não demonstrar consenso, uma vez que encontramos estudos em que os resultados demonstram diferenças entre indivíduos socialmente ansiosos e de controlo e estudos que não demonstram qualquer tipo de diferença. Através dos seguintes dados pode afirmar-se que os indivíduos com ansiedade social demonstram, de facto, enviesamentos na perceção e no processamento. Tomemos por exemplo a atenção enviesada para a ameaça social (Mogg & Bradley, 2002; Mathews e Mackintosh, 1998; Mogg & Bradley, 1998) ou mesmo o estudo de Garner e seus colaboradores (2006) onde foi visível um padrão de hipervigilância/evitamento (as cited in Machado-de-Sousa et al., 2010), ou seja, os indivíduos apresentam inicialmente uma maior atenção a manifestações negativas de emoções, tais como faces que demonstram emoções de nojo e raiva (Machado-de-Sousa et al., 2010), seguido pelo evitamento de estímulos aversivos (Horley, Williams, Gonsalvez, & Gordon, 2006). Podemos ainda acrescentar como fator a atenção excessiva em si mesmo (Bogels & Mansell, 2004), que leva o sujeito a não considerar a informação emocional que se encontra no ambiente (Clark & Wells, 1995 as cited in Machado-de-Sousa et al., 2010), e consequentemente o enviesamento da perceção social. Acrescente-se ainda as interpretações negativas de eventos sociais ambíguos (Amin, Foa, & Coles, 1998) e, segundo Clark e Wells (1995) (as cited in Cooper, 2012), as expressões faciais ambíguas, ou seja, expressões faciais sem uma emoção clara. Neste estudo estas foram interpretadas de forma mais negativa pelos indivíduos com ansiedade social. Isto deve-se a, segundo os autores, auto-esquemas negativos ativados. Por outro lado, as expressões faciais positivas são interpretadas por estes como menos positivas (Cooper, 2012).

Além destes estudos que se focam em faces emocionais, um estudo de Campbell et al. (2009) avaliou as faces em termos de características sociais. Os participantes com ansiedade social e os de controlo tinham de avaliar faces felizes, de nojo e raiva em termos de acessibilidade, demonstrou que o grupo com ansiedade social, em comparação com o de controlo, indicou os estímulos como menos acessíveis.

O estudo de Philippot & Douilliez (2005) não identificou nenhuma diferença de precisão na identificação de expressões faciais, entre pessoas com ansiedade social elevada e pessoas não ansiosas do grupo de controlo. Tal como este estudo, D'Argembeau, Van der Linden, Etienne, & Comblain (2003) ao pesquisarem a influência da emoção na memória, não encontraram evidências que indiquem que a ansiedade social se encontra relacionada com o enviesamento no processamento de faces negativas ou positivas. Estes estudos vão de encontro a outros tantos onde não existem evidências que comprovem a existência de um enviesamento no processamento de expressões faciais de emoções (D'Argembeau et al., 2003; Jong e Martens, 2007; Philippot e Douilliez, 2005). Embora existam estes estudos, existe um consenso considerável que indica que o processamento emocional de faces perante a ansiedade social é influenciado por um enviesamento negativo, ou seja, existe um deslocamento da atenção para as faces negativas (Stirling, Eley, & Clark, 2006) uma rotulagem imprecisa das emoções negativas (Garner, Baldwin, Bradley, & Mogg, 2009 as cited in Machado-de-Sousa et al., 2010; Montagne et al., 2006), um maior reconhecimento de faces negativas (Lundhan & Ost, 1996; Veljaca & Rapee, 1998) e uma memória reforçada para as emoções negativas (Coles & Heimberg, 2005).

Uma vez que as faces são avaliadas em termos de dominância, é de referir que os indivíduos com ansiedade social tendem a ser mais submissos e, além disso, a apresentar maiores níveis de frieza (Kachin, Newman, & Pincus, 2001), o que pode leva-los a avaliarem todas as faces percebidas como dominantes. Em termos de avaliação dos outros, encontram-se diferenças entre indivíduos com elevada ansiedade social e com baixa ansiedade social, mais concretamente nos julgamentos de dominância e caloroso (Aderka, Haker, Marom, Hermesh, & Gilboa-Schechtman as cited in Rodebaugh et al., 2016). De uma forma geral, uma diferença encontrada nos indivíduos com elevada ansiedade social em termos de caloroso, passa pelo maior sentimento de desejo de interação com indivíduos com características menos calorosas e, em termos de dominância, atribuem maior desejabilidade a características menos dominantes (Rodebaugh et al., 2016).

Existe um estudo de Cooper (2012) que relaciona a ansiedade social com características sociais, sendo que este nos indica que é três vezes mais provável que a ansiedade social não influencie os julgamentos de confiabilidade e de inteligência, do que assumir a existência de um enviesamento de interpretação negativa (Cooper, 2012).

A ansiedade social encontra-se associada a um défice na regulação emocional, ou seja, existe uma desregulação emocional que não permite um funcionamento social e emocional bem-sucedido. Mais concretamente, a regulação emocional é definida pelas emoções que temos, quando as temos e a forma como as experienciamos e expressamos (Gross, 2002). Existem diversos comportamentos que as pessoas adotam de forma a conseguir regular as suas emoções, ou seja, de forma a lidar com a regulação emocional (Cisler, Olatunji, Feldner, & Forsyth, 2010). Adotarem estes comportamentos pode ter diversos intuitos, como por exemplo, alterar a forma, frequência, duração ou ocorrência de uma situação que possa levar a uma resposta emocional ou mesmo a uma situação que precede uma resposta emocional (Gross, 1998). Sabe-se que existe uma relação entre a ansiedade social e a baixa capacidade para gerir emoções (Salovey, Stroud, Woolery, & Epel, 2002; Turk, Heimberg, Luterek, Mennin, & Fresco, 2005), sendo que os indivíduos ao possuírem uma maior dificuldade em expressar reações emocionais negativas acabam também por ter uma maior dificuldade em perceber o significado destas mesmas reações emocionais (Mennin, McLaughlin, & Flanagan, 2009). Indivíduos com ansiedade social vêem-se como menos expressivos de emoções positivas e tentam mesmo suprimi-las, o que pode acontecer de forma a não se tornarem o centro das atenções ou se protegerem a si mesmos de serem magoados pelos outros no caso de os seus sentimentos não serem correspondidos (Turk et al., 2009), assim como tendem a ter dificuldade em identificar e descrever as suas próprias emoções, uma vez que prestam menos atenção às mesmas (Turk et al., 2009). No fundo, têm uma regulação emocional ineficaz. Um exemplo desta é o facto de ao utilizarem uma estratégia de reavaliação cognitiva, ou seja, ao tentarem mudar o significado de um estímulo que dá origem a uma emoção, acabam por fracassar. Tal acontece pois existe um défice que se baseia na dificuldade de modificação de pensamentos negativos que aparecem antes, durante e após situações de avaliação social. Este tipo de estratégia é utilizada com menos frequência e, devido ao défice que existe, os indivíduos com ansiedade social não experimentam sensações de bem-estar emocional perante situações que provoquem ansiedade (Ziv, Goldin, Jazaieri, Hahn, & Gross, 2013).

Quanto à regulação emocional, seria então de esperar que existissem enviesamentos na perceção de faces, sendo que ao adotarem os referidos comportamentos acabam por dificultar a análise às faces observadas. No entanto, um estudo de Svetieva & Frank (2015) demonstrou que indivíduos com desregulação emocional têm maior capacidade de reconhecer micro expressões emocionais, principalmente quando estas são de raiva. Tal poderá dever-se à sensibilidade que estes sentem a pistas afetivas subtis nos outros e se encontra associada à desregulação emocional existente em indivíduos com ansiedade social (Svetieva & Frank, 2015).

Além da desregulação emocional, a ansiedade social pode associar-se à agressividade. Numa grande maioria, diversos estudos se focam na ansiedade social associada a indivíduos envergonhados e submissos (Kashdan & Mcknight, 2010), contudo ressalve-se a vertente que associa a mesma a indivíduos que se mostram como desinibidos e/ou apresentam comportamentos de risco. Sendo a agressividade definida como qualquer ação física ou verbal que é realizada com o intuito deliberado de magoar outra pessoa, desde um dano físico, psicológico, social ou mesmo financeiro (Leary, Twenge, & Quinlivan, 2006). Por vezes, esta emerge em contexto de rejeição (real ou percebida) social (Leary et al., 2006). Isto pode levar a um círculo vicioso de rejeição e agressão nas pessoas que são rejeitadas que ao atacarem com agressões continuam a obter outras rejeições. Pessoas vítimas de rejeição tornam-se portanto agressivas a fim de intimidar os indivíduos que as rejeitam para consequentemente não serem abandonadas ou para demonstrar que não devem ser desvalorizadas, tudo isto como uma tática de influência social (Leary et al., 2006). Estas podem, ainda, querer expressar dominância, ganhar aceitação e respeito, assim como evitar perder o nível social devido a atos de rejeição por parte de outras pessoas (Leary et al., 2006).

Relativamente à relação entre a agressividade e a perceção de faces, diversos estudos demonstraram que indivíduos agressivos exibem enviesamentos aquando do processamento de expressões faciais de raiva (Bertsch, Bohnke, Kruk, & Naumann, 2009; van Honl, Tuiten, de Haan, van den Hout, & Stam, 2001; Zhang & Liu, 2011 as cited in Taylor & Jose, 2014). Estes mesmos estudos referem ainda a existência de um processamento pré-consciente de estímulos ameaçadores em indivíduos agressivos, que pode levar à existência dos enviesamentos. Larkin, Martin e McClain (2002) pediram aos participantes para identificarem expressões faciais, sendo que os indivíduos agressivos

estiveram mais propensos a interpretar expressões sem raiva como sendo expressões com raiva. Um estudo de Hall (2006) demonstrou que os indivíduos com elevados níveis de agressividade, em comparação com indivíduos com baixos níveis, cometem mais erros de má atribuição para faces de raiva. Hall (2006) diz-nos que indivíduos agressivos atribuem uma intenção hostil aos outros devido às agressões que vêm na sua vida e ao facto de serem reforçados a ver o mundo como eles pensam que é.

Com a incongruência existente nos resultados na literatura e uma vez que as características emocionais parecem ser a base das características sociais, assim como parece existir uma relação entre a perceção de faces emocionais e cada uma das características individuais (ansiedade social, agressividade e regulação emocional), seria importante entender se existe relação direta entre as características sociais em faces e as características individuais. O presente trabalho possui então como principal objetivo investigar se os diferentes níveis de ansiedade social, de agressividade e de regulação emocional se associam a diferenças na perceção de características sociais em faces.

Os indivíduos com ansiedade social, assim como os que possuem características relacionadas à agressividade, tendem a avaliar as faces como mais negativas, sendo de esperar então que as avaliações em termos de características sociais sejam também negativas. Ou seja, espera-se que estes vejam os outros como menos saudáveis, acessíveis, competentes, inteligentes, confiáveis e calorosos. No entanto, os indivíduos com ansiedade social poderão observar as faces como dominantes e os potencialmente agressivos percecionarem erroneamente agressividade nos outros. Quanto à atratividade, sendo esta vista como uma característica positiva, uma vez que a associam características como competência, inteligência e saúde (Eagly et al., 1991), será também esperado que não se relacione com a ansiedade social e a agressividade. Por sua vez, a feminilidade/masculinidade poderá associar-se ou não à dominância, dependendo da constituição que forma a face (traços mais masculinos ou mais femininos). Esta característica pode ir de uma avaliação baixa a uma avaliação alta consoante a perceção que tenham em considerar as faces mais masculinas (elevada dominância) ou mais femininas (baixa dominância). Já os indivíduos com desregulação emocional, ao serem menos expressivos para com emoções positivas podem acabar por não saber identificar essa emoção e se focarem nas emoções negativas, levando a que, tal como na ansiedade social e

na agressividade, as características sociais nas faces sejam avaliadas com uma pontuação baixa.

Metodologia

Participantes

O presente trabalho abrangeu uma amostra constituída por um total de 84 estudantes da Universidade de Aveiro, sendo 75 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. As idades encontram-se compreendidas entre os 18 e os 53 anos ($M=21.21$; $DP=4.475$), sendo que havia alunos do 1º e do 2º ciclo a participarem da amostra. Um total de quarenta e quatro ($N=44$) participantes da amostra referiram ter problemas de visão, tendo todos afirmado que o seu problema se encontrava corrigido. É de salientar que a participação foi voluntária, sendo que os participantes poderiam desistir a qualquer momento se assim o quisessem.

Materiais

Estímulos visuais

De forma a elaborar a tarefa de perceção de características sociais em faces foram utilizadas 50 fotografias de faces masculinas e 50 fotografias de faces femininas, num total de 100 faces. Estas 100 faces foram divididas em 10 conjuntos, onde cada conjunto englobava 5 faces masculinas e 5 faces femininas, e cada um era avaliado numa das características sociais. As fotografias utilizadas para criar os estímulos visuais foram imagens de faces ambientais vistas em posição aproximadamente frontal, sendo estas fotografias seleccionadas de uma base de dados onde previamente foram recolhidas e classificadas em diversas características (Santos, 2003 as cited in Santos, Young, & Silva, 2008). As fotografias utilizadas são a cores, de adultos caucasianos não familiares, tanto do sexo masculino como feminino, e com postura, iluminação e expressão não padronizados, de forma a obter-se diversas faces que envolvem a variabilidade de pistas faciais encontradas no dia-a-dia. De forma a permitir que os julgamentos sejam baseados o mais possível em informações faciais, as fotografias das faces foram cortadas em torno da face e do cabelo, para que desta forma a roupa e o fundo seja visíveis o mínimo possível (Santos & Young, 2011). O posicionamento das fotografias foi redimensionado para quando

apresentadas no ecrã do computador sejam aproximadamente da mesma dimensão (5 cm de altura; 150 pixels) (Santos et al., 2008). A tarefa foi preparada com auxílio ao *Software E-Prime*.

Instrumentos de auto-relato

A Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social (EAESDIS) (Pinto-Gouveia, Cunha, & Salvador, 2003) encontra-se dividida em duas subescalas, *Subescala de Ansiedade* e *Subescala de Evitamento*, avaliando então a ansiedade sentida e o evitamento em situações sociais, sendo cada uma das subescalas constituída por 44 itens com resposta numa escala do tipo *Likert* de 1 (nenhuma) a 4 (severa) na subescala de ansiedade e de 1 (nunca) a 4 (quase sempre) na subescala de evitamento. A consistência interna da *Subescala de Ansiedade* relevou-se elevada, com um coeficiente *Alfa de Cronbach* 0.95, assim como a *Subescala de Evitamento* com $\alpha = 0.94$.

O Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ) é constituído por 29 itens e tem como objetivo avaliar comportamentos agressivos. Este questionário foi traduzido por Cunha & Gonçalves (2012) e as respostas são dadas através de uma escala do tipo *Likert*, de 1 (Nunca ou quase nunca) a 5 (Sempre ou quase sempre), encontrando-se dividido em quatro fatores de agressividade, nomeadamente: agressão física (9 itens), agressão verbal (5 itens), raiva (7 itens) e hostilidade (8 itens). Estes fatores obtiveram índices baixos de consistência interna, avaliados através do *Alfa de Cronbach*, onde apenas o fator de hostilidade apresentou um valor mais elevado. Assim, o fator de agressão física apresentou um *Alfa de Cronbach* de 0.61; a agressão verbal apresentou 0.61; a raiva apresentou 0.48; a hostilidade apresentou 0.80; e, por fim, a Escala Total apresentou um *Alfa de Cronbach* de 0.84.

O Questionário de Regulação Emocional (Gross & John, 2003) tem como objetivo avaliar as estratégias utilizadas na idade adulta relativamente à regulação emocional e compreender as diferenças individuais ao utilizar essas mesmas estratégias em situações específicas. A versão portuguesa foi adaptada por Vaz & Martins (2008) e este encontra-se dividido em duas subescalas, *Reavaliação Cognitiva* e *Supressão Emocional*, constituindo um total de 10 itens com resposta do tipo *Likert* de 7 pontos, de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente). A *Escala de Reavaliação Cognitiva* apresentou uma consistência interna adequada, com um *Alfa de Cronbach* 0.78 e a *Escala de Supressão Emocional* apresentou um valor adequado de 0.72.

Procedimento

Inicialmente foi entregue a cada participante uma folha com o Consentimento Informado, não só para nos darem a sua autorização na utilização dos dados, mas também para entenderem o objetivo principal do estudo, assim como saberem que os seus dados eram confidenciais e que podiam desistir da tarefa a qualquer momento.

A recolha de dados foi realizada numa sala do Departamento de Educação e Psicologia, na Universidade de Aveiro, equipada com um total de seis computadores, o que permitiu realizar a tarefa a seis participantes simultaneamente, sendo a duração média da experiência 45 minutos. Num primeiro momento, já em computador, foi pedido que preenchessem o questionário sociodemográfico (sexo, idade, curso, ano de curso, estado civil, orientação sexual, área de residência atual, área de residência antes de entrar na Universidade, profissão do pai e da mãe), assim como os questionários colocados numa plataforma *online*.

Num segundo momento realizou-se a tarefa, onde cada participante avaliou os dez conjuntos de fotografias, cada um numa característica social, sendo em cada conjunto apresentadas dez fotografias (cinco homens e cinco mulheres). As faces foram apresentadas e avaliadas nas características sociais indicadas (Atratividade, Saúde, Feminilidade /Masculinidade, Dominância, Agressividade, Acessibilidade, Competência, Inteligência, Confiabilidade e Caloroso), utilizando uma escala de *Likert* de 1 a 7, sendo que o 1 era equivalente a uma avaliação muito baixa na característica e o 7 era equivalente a uma avaliação muito alta na característica (por ex., dominância: 1=nada dominante e 7=muito dominante). A apresentação das faces foi realizada através do *Software* E-Prime, sendo que cada estímulo facial era apresentado até a pessoa responder e era precedido por uma cruz de fixação durante 1000ms. A escala de resposta para cada característica era sempre apresentada por baixo da imagem, sendo que a ordem das imagens em cada conjunto era aleatória e a avaliação das diversas características também era realizada de forma aleatória. No entanto, todas as pessoas avaliavam as mesmas dez faces em cada característica social. O uso deste *software* permitiu controlar a apresentação das imagens e registar as respostas dos participantes, onde estas eram dadas com as teclas de 1 a 7 no teclado do computador. Era referido aos participantes que não existia tempo limite para

darem uma resposta, no entanto, deveriam responder de acordo com a sua primeira impressão.

Quando concluída a recolha de dados, as análises estatísticas foram realizadas através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS).

Resultados

Os resultados aqui apresentados referem-se às correlações efetuadas entre as pontuações nas escalas de avaliação da ansiedade social, agressividade e da regulação emocional e as avaliações feitas das faces na tarefa de julgamento de características sociais. É de salientar que os valores da avaliação das faces foram considerados, ou seja, foram calculadas as avaliações médias das faces masculinas e femininas para cada participante em cada característica, sendo esse valor o considerado para as correlações. As análises realizadas focam-se apenas na amostra total, apesar do número de participantes do sexo masculino ser muito reduzido.

Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social

A primeira subescala, de ansiedade, apresentou correlações significativas em três das dez características sociais, nomeadamente na acessibilidade, feminilidade/masculinidade e inteligência. Estas correlações encontram-se na Tabela 1 e, como podemos observar, quando existe um nível de maior ansiedade social em termos de situações sociais, os indivíduos avaliam as faces como mais acessíveis, femininas/masculinas e inteligentes. Estas características foram as únicas a demonstrar correlações significativas com esta subescala.

Tabela 1 - Correlações entre a percepção de características sociais e a medida de ansiedade social para a amostra

| Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social (EAESIS) | | |
|---|------------------------|-------------------------|
| | Subescala de Ansiedade | Subescala de Evitamento |
| Atratividade | .052 | -.080 |
| Saúde | .125 | .165 |
| Feminilidade/Masculinidade | .236* | .274* |
| Dominância | .138 | .200 |
| Agressividade | -.123 | -.168 |
| Acessibilidade | .221* | .107 |
| Competência | .170 | .077 |
| Inteligência | .228* | .194 |
| Confiabilidade | .186 | .079 |
| Caloroso | .092 | .008 |

N=84; * Correlação significativa a 0.05

No que concerne a *Subescala de Evitamento*, apenas uma correlação foi significativa na amostra, ou seja, quanto mais elevado o evitamento mais femininas/masculinas são percebidas as faces. Estes resultados encontram-se, também, na Tabela 1.

Questionário de Agressividade

Sendo este constituído por quatro fatores de agressividade, apenas um demonstrou duas correlações significativas negativas, nomeadamente a *Agressão Verbal*. Os resultados do fator encontram-se na Tabela 2. Como podemos observar, no fator de *Agressão Verbal* apenas a acessibilidade e a feminilidade/masculinidade mostrou uma correlação significativa, ou seja, quanto mais elevado o nível de agressão verbal, mais baixas as pontuações atribuídas em termos de acessibilidade e de feminilidade/masculinidade.

Tabela 2 - Correlações entre a perceção de caraterísticas sociais e a medida de agressividade para a amostra

| | Questionário de Agressividade | | | | |
|----------------------------|-------------------------------|-----------------|-------|-------------|--------------|
| | Agressão Física | Agressão Verbal | Raiva | Hostilidade | Escala Total |
| Atratividade | -.146 | -.114 | -.015 | .021 | -.067 |
| Saúde | .039 | -.214 | -.025 | .125 | .005 |
| Feminilidade/Masculinidade | -.193 | -.252* | .052 | -.164 | -.072 |
| Dominância | -.074 | -.186 | .042 | .198 | .055 |
| Agressividade | .162 | .108 | -.018 | -.012 | .029 |
| Acessibilidade | -.209 | -.241* | -.031 | .034 | -.121 |
| Competência | -.104 | -.080 | .043 | .122 | .030 |
| Inteligência | -.180 | -.146 | .030 | .124 | -.022 |
| Confiabilidade | -.071 | -.203 | .024 | .158 | .023 |
| Caloroso | .023 | -.127 | .028 | -.003 | -.092 |

N=84; * Correlação significativa a 0.05

Questionário de Regulação Emocional

Apenas a *Escala de Supressão Emocional* mostrou correlações significativas, nas características sociais de confiabilidade e dominância, Tabela 3. Estes resultados demonstram que quanto mais elevado o nível das estratégias utilizadas na idade adulta relativamente à regulação emocional e a compreensão das diferenças individuais ao utilizar essas mesmas estratégias em situações específicas, maior será o nível atribuído nessas características sociais.

Tabela 3 - Correlações entre a percepção de características sociais e a medida de ansiedade social para a amostra

| Questionário de Regulação Emocional | | |
|-------------------------------------|-----------------------|---------------------|
| | Reavaliação Cognitiva | Supressão Emocional |
| Atratividade | .034 | .134 |
| Saúde | .101 | .169 |
| Feminilidade/Masculinidade | .104 | .035 |
| Dominância | -.033 | .266* |
| Agressividade | -.041 | -.064 |
| Acessibilidade | -.058 | -.025 |
| Competência | -.157 | .145 |
| Inteligência | .003 | .067 |
| Confiabilidade | .048 | .247* |
| Caloroso | -.089 | .002 |

N=84; * Correlação significativa a 0.05

Discussão

Indivíduos com ansiedade social tendem a demonstrar determinados enviesamentos na perceção e no processamento de informação, como por exemplo quanto à atenção no que toca à ameaça social (Mogg & Bradley, 2002), na atenção excessiva em si mesmo (Bogels, & Mansell, 2004) e nas interpretações negativas de eventos sociais ambíguos (Air, Foa, Coles, 1998 as cited in Schofield, Coles, & Gibb, 2007), justificando-se a importância de tentar entender a relação da ansiedade social com o processamento de faces. Segundo Cooper (2012), é três vezes mais provável que a ansiedade social não influencie julgamentos de confiabilidade e de inteligência, do que assumir a existência de um enviesamento de interpretação negativa na ansiedade social (Cooper, 2012). No entanto, os resultados encontrados na *Subescala de Ansiedade*, pertencente à *Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social* indicam que níveis mais elevados de ansiedade em situações de interação social correlacionam-se com uma maior perceção de acessibilidade, feminilidade/ masculinidade e inteligência em faces. Já na *Subescala de Evitamento*, ao se evitarem situações de interação social apenas uma característica social se destaca, mais concretamente a feminilidade/masculinidade. Perante isto, os resultados vão de encontro ao estudo de Cooper relativamente aos julgamentos de confiabilidade, todavia não estão de acordo com os julgamentos de inteligência inferidos, uma vez que a ansiedade social influenciou os julgamentos de inteligência na perceção de faces. Pode-se referir que a confiabilidade não demonstrou estar relacionada com elevada ansiedade social, pois não foram encontradas correlações significativas, ou seja, elevada ansiedade social não é um fator de influência aquando do julgamento de faces dos outros em termos de confiabilidade. O mesmo aconteceu no estudo de Cooper, onde este pediu para avaliarem faces em termos de confiabilidade e os seus resultados também não apresentaram correlações significativas entre esta característica e a ansiedade social. Quanto à acessibilidade, como os indivíduos com ansiedade social evitam o contacto visual (Mark et al., 1969 as cited in Machado-de-sousa et al., 2010) e vêem as faces como mais negativas (Stirling, Eley, & Clark, 2006) esta característica não era esperada como significativa nos resultados. Pelo contrário, seria de esperar que a acessibilidade se correlacionasse negativamente ou não tivesse correlação significativa. Exemplo disto seria o estudo de Campbell et al., (2009), onde os indivíduos com ansiedade social avaliaram os estímulos como menos acessíveis. Em ambas as subescalas, a

caraterística de feminilidade/masculinidade mostrou-se significativa o que nos pode indicar que observaram as faces também como dominantes, uma vez que as faces mais masculinas tendem a ser vistas como tal e indivíduos com ansiedade social vêm-se como menos dominantes do que os outros (Kachin, Newman, & Pincus, 2001).

A agressividade pode também associar-se à ansiedade social uma vez que alguns indivíduos ansiosos adotam respostas como a raiva e a agressão quando se sentem rejeitados, demonstrando-as de forma a expressar dominância, ganhar aceitação e respeito (Leary, Twenge, & Quinlivan, 2006). Nos resultados encontrados, quanto ao Questionário de Agressividade, apenas um dos quatro fatores apresentou correlação significativa com as avaliações de algumas caraterísticas sociais. Na *Agressão Verbal*, a amostra correlacionou-se negativamente com duas caraterísticas sociais, sendo estas a acessibilidade e a feminilidade/masculinidade. Quando uma pessoa apresenta níveis elevados de agressividade verbal, as faces apresentadas acabam por ser percecionadas como não acessíveis, assim como não femininas/masculinas. O resultado da acessibilidade vai de encontro ao esperado, uma vez que os indivíduos potencialmente agressivos vêm as faces como mais negativas, ou seja, quanto maior agressividade menos acessível a face que observam lhes parece. Já as faces em termos de feminilidade/masculinidade podem ter sido observadas como menos dominantes, uma vez que os indivíduos agressivos por vezes querem expressar dominância (Leary et al., 2006), sendo que esta se associa a faces mais masculinas.

A ansiedade social além de estar associada à agressividade, encontra-se associada à regulação emocional e nesta escala apenas a supressão emocional demonstrou resultados significativos. Por outras palavras, quando a supressão emocional é mais elevada, ou seja, quando um indivíduo tenta “eliminar” as suas emoções, as faces são percecionadas como sendo mais confiáveis e dominantes. Quanto à confiabilidade, esta caraterística é considerada positiva, o que nos leva a entender que este resultado não era o esperado. Na literatura sabe-se que a maior dificuldade dos indivíduos com desregulação emocional se foca em emoções positivas, por isso seria de esperar que esta caraterística não se correlacionasse significativamente. Este resultado pode associar-se a uma avaliação alta de filiação por parte dos indivíduos, o que vai de encontro a avaliarem também uma alta dominância, uma vez que valores elevados em ambas se relacionam com faces positivas. Demonstra-se assim que, apesar de uma desregulação emocional, estes resultados estão a

par com o estudo de Knutson (1996), no qual as pessoas associariam a expressões positivas alta filiação e dominância.

Inicialmente, a ansiedade social foi associada à agressividade e à regulação emocional e, após analisar os resultados, apenas duas características se correlacionaram com a ansiedade social e a agressividade, a acessibilidade e a feminilidade/masculinidade. No entanto, a correlação da acessibilidade com a ansiedade social foi positiva, já com a agressividade a correlação foi negativa. Já a ansiedade social e a regulação emocional não demonstraram nenhuma característica significativa em comum. Isto indica que apesar da ansiedade social poder estar relacionada com a agressividade e/ou com a regulação emocional e as correlações existentes serem baixas, cada uma destas características individuais tem os seus enviesamentos na percepção de faces.

De uma forma geral, segundo os resultados, as características sociais de acessibilidade e feminilidade/masculinidade foram as que apresentaram mais correlações com as escalas, apesar da primeira apenas ter apresentado duas correlações significativas e a segunda ter apresentado três. No entanto, de uma forma geral, foram poucas as características sociais com correlações significativas e, para além disso, os seus valores demonstraram ser baixos. Apesar disso, uma das características individuais, a ansiedade social, demonstrou que é possível a existência de um enviesamento, visto que existe uma correlação significativa com a feminilidade/masculinidade em ambas as subescalas da Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social.

Uma das limitações existentes é o facto de a amostra ser pequena. Possivelmente seria importante aumentar o número de participantes e equilibrar a amostra em termos de indivíduos do sexo feminino e masculino, a fim de se poderem comparar resultados. Porém, como a literatura encontrada nesta área é reduzida, dever-se-á proceder a estudos que possam contribuir para a área científica. É importante referir que os resultados obtidos poderão ser influenciados no sentido de, como já referido anteriormente, uma pessoa considerada mais atraente, poder ser também considerada de modo automático e inconsciente como saudável ou mesmo inteligente, ou seja, quando foi pedido ao participante para avaliar características como inteligência, este poderá ter respondido tendo por base outra característica como a atratividade, por fazer uma correlação positiva entre ambas. Tal mostra que os estereótipos criados na sociedade podem influenciar a avaliação de determinadas características, pois o indivíduo poderá não conseguir separar o julgamento

de duas características distintas, considerando-as sempre como uma só, agrupando-as (atratividade=sáude=inteligência).

Quanto a futuros estudos talvez seria interessante comparar resultados entre sexos, assim como em termos de faixas etárias, uma vez que neste trabalho o espectro da faixa etária seria vasto, dos 18 anos aos 53 anos. Assim como realizar mais estudos de forma a entender se, em indivíduos ansiosos socialmente, existem de facto enviesamentos quanto à feminilidade/masculinidade.

Este estudo é importante pois todos nós fazemos inferências de forma automática, inclusive indivíduos com ansiedade social, com agressividade e/ou desregulação emocional. No entanto, os resultados gerais apresentados indicam que as características individuais não se associam a determinados enviesamentos na avaliação de traços em faces.

Referências Bibliográficas

- Amin, N., Foa, E. B., & Coles, M. E. (1998). Negative interpretation bias in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 36(10), 945–957. [http://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00060-6](http://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00060-6)
- Bar, M., Neta, M., & Linz, H. (2006). Very first impressions. *Emotion*, 6(2), 269–278. <http://doi.org/10.1037/1528-3542.6.2.269>
- Bertsch, K., Bohnke, R., Kruk, M.R., & Naumann, E. (2009). Influence of aggression on information processing in the emotional Stroop task - an event-related potential study. *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 3(28), 1-10. <http://doi.org/10.3389/neuro.08.028.2009>
- Bögels, S. M., & Mansell, W. (2004). Attention processes in the maintenance and treatment of social phobia: hypervigilance, avoidance and self-focused attention. *Clinical Psychology Review*, 24(7), 827–856. <http://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.06.005>
- Cairney, J., McCabe, L., Veldhuizen, S., Corna, L. M., Streiner, D., & Herrmann, N. (2007). Epidemiology of Social Phobia in Later Life. *The American Journal of Geriatric Psychiatry*, 15(3), 224–233. <http://doi.org/10.1097/01.JGP.0000235702.77245.46>
- Campbell, D. W., Sareen, J., Stein, M. B., Kravetsky, L. B., Paulus, M. P., Hassard, S. T., & Reiss, J. P. (2009). Happy but not so approachable: the social judgments of individuals with generalized social phobia. *Depression and Anxiety*, 26(5), 419–424. <http://doi.org/10.1002/da.20474>
- Cisler, J. M., Olatunji, B. O., Feldner, M. T., & Forsyth, J. P. (2010). Emotion Regulation and the Anxiety Disorders: An Integrative Review. *Journal Psychopathology Behavior Assessment*, 32(1), 68–82. <http://doi.org/10.1007/s10862-009-9161-1>.Emotion
- Cogsdill, E. J., Todorov, A. T., Spelke, E. S., & Banaji, M. R. (2014). Inferring Character From Faces: A Developmental Study. *Psychological Science*, 25(5), 1132–1139. <http://doi.org/10.1177/0956797614523297>
- Coles, M. E., & Heimberg, R. G. (2005). Recognition bias for critical faces in social phobia: a replication and extension. *Behaviour Research and Therapy*, 43(1), 109–120. <http://doi.org/10.1016/j.brat.2003.12.001>
- Cooper, R. (2012). *Relationship between social anxiety and perceived trustworthiness* (Doctoral dissertation (Universitat zu Koln vorgelegt von)).
- Cunha, O., Gonçalves, R.A. (2012). Análise confirmatória fatorial de uma versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3–17.
- D'Argembeau, A., Van der Linden, M., Etienne, A.-M., & Comblain, C. (2003). Identity and expression memory for happy and angry faces in social anxiety. *Acta Psychologica*, 114(1), 1–15. [http://doi.org/10.1016/S0001-6918\(03\)00047-7](http://doi.org/10.1016/S0001-6918(03)00047-7)
- de Jong, P. J., & Martens, S. (2007). Detection of emotional expressions in rapidly

- changing facial displays in high- and low-socially anxious women. *Behaviour Research and Therapy*, 45(6), 1285–1294. <http://doi.org/10.1016/j.brat.2006.10.003>
- den Boer, J. A. (1997). Social phobia: epidemiology, recognition, and treatment. *BMJ*, 315, 796-800.
- Eagly, A. H., Ashmore, R. D., Makhijani, M. G., & Longo, L. C. (1991). What is beautiful is good, but...: A meta-analytic review of research on the physical attractiveness stereotype. *Psychological Bulletin*, 110(1), 109–128. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.110.1.109>
- Engell, A. D., Todorov, A., & Haxby, J. V. (2010). Common neural mechanisms for the evaluation of facial trustworthiness and emotional expressions as revealed by behavioral adaptation. *Perception*, 39(7), 931–941. <http://doi.org/10.1068/p6633>
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., & Glick, P. (2007). Universal dimensions of social cognition: warmth and competence. *Trends in Cognitive Sciences*, 11(2), 77–83. <http://doi.org/10.1016/j.tics.2006.11.005>
- Furmark, T. (2002). Social phobia : overview of community surveys. *Acta Psychiatry Scand*, 105, 84-93.
- Gren-Landell, M., Tillfors, M., Furmark, T., Bohlin, G., Andersson, G., & Svedin, C. G. (2009). Social phobia in Swedish adolescents. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 44(1), 1–7. <http://doi.org/10.1007/s00127-008-0400-7>
- Gross, J.J. (1998). The Emerging Field of Emotion Regulation: An Integrative Review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271–299.
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation : Affective , cognitive , and social consequences. *Psychophysiology*, 39, 281–291.
- Hall, C. W. (2006). Self-Reported Aggression and the Perception of Anger in Facial Expression Photos. *The Journal of Psychology*, 140(3), 255–267. <http://doi.org/10.3200/JRLP.140.3.255-267>
- Hassin, R., & Trope, Y. (2000). Facing faces: Studies on the cognitive aspects of physiognomy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(5), 837–852. <http://doi.org/10.1037//0022-3514.78.5.837>
- Haxby, J. V, Hoffman, E. A., & Gobbini, M. I. (2002). Human Neural Systems for Face Recognition and Social Communication. *Society of Biological Psychiatry*, 51, 59-67.
- Horley, K., Williams, L. M., Gonsalvez, C., & Gordon, E. (2006). Social phobics do not see eye to eye : A visual scanpath study of emotional expression processing. *Anxiety Disorders*, 17, 33-44.
- Jenkins, R., White, D., Van Montfort, X., & Mike Burton, A. (2011). Variability in photos of the same face. *Cognition*, 121(3), 313–323. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.08.001>
- Kachin, K. E., Newman, M. G., & Pincus, A. L. (2001). An interpersonal problem approach to the division of social phobia subtypes. *Behavior Therapy*, 32(3), 479–501. [http://doi.org/10.1016/S0005-7894\(01\)80032-0](http://doi.org/10.1016/S0005-7894(01)80032-0)

- Kashdan, T. B., & Mcknight, P. E. (2010). The Darker Side of Social Anxiety : When Aggressive Impulsivity Prevails Over Shy Inhibition. *Current Directions in Psychological Science*, 19(1), 47-50 <http://doi.org/10.1177/0963721409359280>
- Knutson, B. (1996). Facial expressions of emotion influence interpersonal trait inferences. *Journal of Nonverbal Behavior*, 20(3), 165–182. <http://doi.org/10.1007/BF02281954>
- Larkin, K. T., Martin, R. R., & McClain, S. E. (2002). Cynical hostility and the accuracy of decoding facial expressions of emotions. *Journal of Behavioral Medicine*, 25(3), 285–292. <http://doi.org/10.1023/A:1015384812283>
- Leary, M. R., Twenge, J. M., & Quinlivan, E. (2006). Interpersonal Rejection as a Determinant of Anger and Aggression. *Personality and Social Psychology Review*, 10(2), 111–132.
- Leopold, D. A., & Rhodes, G. (2010). A comparative view of face perception. *J Comp Psychol*, 124(3), 233–251. <http://doi.org/10.1037/a0019460.A>
- Little, A. C., Jones, B. C., & DeBruine, L. M. (2011a). Facial attractiveness: evolutionary based research. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 366(1571), 1638–1659. <http://doi.org/10.1098/rstb.2010.0404>
- Little, A. C., Jones, B. C., & DeBruine, L. M. (2011b). The many faces of research on face perception. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 366(1571), 1634–1637. <http://doi.org/10.1098/rstb.2010.0386>
- Lundh, L., & Ost, L. (1996). Recognition bias for critical faces in social phobics. *Behavior Research Therapy*, 34(10), 787–794.
- Machado-de-Sousa, J. P., Arrais, K. C., Alves, N. T., Chagas, M. H. N., de Meneses-Gaya, C., Crippa, J. A. de S., & Hallak, J. E. C. (2010). Facial affect processing in social anxiety: Tasks and stimuli. *Journal of Neuroscience Methods*, 193(1), 1–6. <http://doi.org/10.1016/j.jneumeth.2010.08.013>
- Magalhães, R. T. (2010). *Da Timidez à Fobia Social - Artigo de Revisão* (Master's Thesis, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra).
- Marzi, T., Righi, S., Ottonello, S., Cincotta, M., & Viggiano, M. P. (2014). Trust at first sight: evidence from ERPs. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 9(1), 63–72. <http://doi.org/10.1093/scan/nss102>
- Mathews, A., & Mackintosh, B. (1998). A cognitive model of selective processing in anxiety. *Cognitive Therapy and Research*, 22(6), 539–560. <http://doi.org/10.1023/A:1018738019346>
- Mende-Siedlecki, P., Said, C. P., & Todorov, A. (2013). The social evaluation of faces: a meta-analysis of functional neuroimaging studies. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 8(3), 285–299. <http://doi.org/10.1093/scan/nsr090>
- Mennin, D. S., McLaughlin, K. A., & Flanagan, T. J. (2009). Emotion regulation deficits in generalized anxiety disorder, social anxiety disorder, and their co-occurrence. *Journal of Anxiety Disorders*, 23(7), 866–871. <http://doi.org/10.1016/j.janxdis.2009.04.006>
- Mogg, K., & Bradley, B. P. (1998). A cognitive-motivational analysis of anxiety.

- Behaviour Research and Therapy*, 36(9), 809–848. [http://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00063-1](http://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00063-1)
- Mogg, K., & Bradley, B. P. (2002). Selective orienting of attention to masked threat faces in social anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 40(12), 1403–1414. [http://doi.org/10.1016/S0005-7967\(02\)00017-7](http://doi.org/10.1016/S0005-7967(02)00017-7)
- Montagne, B., Schutters, S., Westenberg, H. G. M., van Honk, J., Kessels, R. P. C., & de Haan, E. H. F. (2006). Reduced sensitivity in the recognition of anger and disgust in social anxiety disorder. *Cognitive Neuropsychiatry*, 11(4), 389–401. <http://doi.org/10.1080/13546800444000254>
- Oldmeadow, J. A., Sutherland, C. A. M., & Young, A. W. (2013). Facial Stereotype Visualization Through Image Averaging. *Social Psychological and Personality Science*, 4(5), 615–623. <http://doi.org/10.1177/1948550612469820>
- Olson, I. R., & Marshuetz, C. (2005). Facial Attractiveness Is Appraised in a Glance. *Emotion*, 5(4), 498–502. <http://doi.org/10.1037/1528-3542.5.4.498>
- Oosterhof, N. N., & Todorov, A. (2008). The functional basis of face evaluation. *Proceedings of the National Academy of Science*, 105(32), 11087–11092.
- Perrett, D. I., Lee, K. J., Penton-Voak, I., Rowland, D., Yoshikawa, S., Burt, D. M., ... Akamatsu, S. (1998). Effects of sexual dimorphism on facial attractiveness. *Nature*, 394(6696), 884–887. <http://doi.org/10.1038/29772>
- Philippot, P., & Douilliez, C. (2005). Social phobics do not misinterpret facial expression of emotion. *Behaviour Research and Therapy*, 43(5), 639–652. <http://doi.org/10.1016/j.brat.2004.05.005>
- Pinto-Gouveia, J., Cunha, M., & Salvador, M. C. (2003). Assessment of Social Phobia by Self-Report Questionnaires: The Social Interaction and Performance Anxiety and Avoidance Scale & the Social Phobia Safety Behaviours Scale. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 31(3), 291–311.
- Rodebaugh, T. L., Bielak, T., Vidovic, V., & Moscovitch, D. A. (2016). The effects of social anxiety on interpersonal evaluations of warmth and dominance. *Journal of Anxiety Disorders*, 38, 68–78. <http://doi.org/10.1016/j.janxdis.2016.01.002>
- Rule, N. O., Ambady, N., & Adams Jr, R. B. (2009). Personality in perspective: Judgmental consistency across orientations of the face. *Perception*, 38(11), 1688–1699. <http://doi.org/10.1068/p6384>
- Said, C. P., Sebe, N., & Todorov, A. (2009). Structural resemblance to emotional expressions predicts evaluation of emotionally neutral faces. *Emotion*, 9(2), 260–264. <http://doi.org/10.1037/a0014681>
- Salovey, P., Stroud, L. R., Woolery, A., & Epel, E. S. (2002). Perceived Emotional Intelligence, Stress Reactivity, and Symptom Reports: Further Explorations Using the Trait Meta-Mood Scale. *Psychology & Health*, 17(5), 611–627. <http://doi.org/10.1080/08870440290025812>
- Santos, I. M., & Young, A. W. (2011). Inferring social attributes from different face regions: Evidence for holistic processing. *The Quarterly Journal of Experimental*

- Psychology*, 64(4), 751–766. <http://doi.org/10.1080/17470218.2010.519779>
- Santos, I. M., Young, A. W., & Silva, C. F. (2008). Psicología y relaciones interpersonales. *Internacional Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 293–302.
- Schofield, C. A., Coles, M. E., & Gibb, B. E. (2007). Social anxiety and interpretation biases for facial displays of emotion: Emotion detection and ratings of social cost. *Behaviour Research and Therapy*, 45(12), 2950–2963. <http://doi.org/10.1016/j.brat.2007.08.006>
- Stirling, L. J., Eley, T. C., & Clark, D. M. (2006). Preliminary evidence for an association between social anxiety symptoms and avoidance of negative faces in school-age children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 35(3), 431–439. <http://doi.org/10.1207/s15374424jccp3503>
- Sutherland, C. A. M., Oldmeadow, J. A., Santos, I. M., Towler, J., Michael Burt, D., & Young, A. W. (2013). Social inferences from faces: Ambient images generate a three-dimensional model. *Cognition*, 127(1), 105–118. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2012.12.001>
- Svetieva, E., & Frank, M. G. (2016). Empathy, emotion dysregulation, and enhanced microexpression recognition ability. *Motivation and Emotion*, 40(2), 309–320. <http://doi.org/10.1007/s11031-015-9528-4>
- Taylor, A. J. G., & Jose, M. (2014). Physical Aggression and Facial Expression Identification. *Europe's Journal of Psychology*, 10(4), 650–659. <http://doi.org/10.5964/ejop.v10i4.816>
- Todorov, A., Mandisodza, A. N., Goren, A., & Hall, C. C. (2005). Inferences of Competence from Faces Predict Election Outcomes. *Science*, 308(5728), 1623–1626. <http://doi.org/10.1126/science.1110589>
- Todorov, A., Pakrashi, M., & Oosterhof, N. N. (2009). Evaluating faces on trustworthiness after minimal time exposure. *Social Cognition*, 27(6), 813–833.
- Turk, C. L., Heimberg, R. G., Luterek, J. A., Mennin, D. S., & Fresco, D. M. (2005). Emotion Dysregulation in Generalized Anxiety Disorder: A Comparison with Social Anxiety Disorder. *Cognitive Therapy and Research*, 29(1), 89–106. <http://doi.org/10.1007/s10608-005-1651-1>
- Vaz, F. (2013). *Diferenciação e Regulação Emocional na Idade Adulta: Tradução e Validação de Dois Instrumentos de Avaliação para a População Portuguesa* (Master's thesis, Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia)
- Veljaca, K.-A., & Rapee, R. M. (1998). Detection of negative and positive audience behaviours by socially anxious subjects. *Behaviour Research and Therapy*, 36(3), 311–321. [http://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00016-3](http://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00016-3)
- Vernon, R. J. W., Sutherland, C. A. M., Young, A. W., & Hartley, T. (2014). Modeling first impressions from highly variable facial images. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 111(32), E3353–E3361. <http://doi.org/10.1073/pnas.1409860111>
- Walsh, J. (2002). Shyness and Social Phobia. *Health & Social Work*, 27(2), 137. Retrieved

from

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=6767912&site=ehost-live>

- Willis, J., & Todorov, A. (2013). First impressions - Making up your mind after 100-ms exposure to face. *Psychological Science*, 17(7), 592–598.
- Zebrowitz, L. A., & Montepare, J. M. (2010). Social psychological face perception: why appearance matters. *Social Personal Psychol Compass*, 2(3), 1–16.
<http://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00109.x>.Social
- Ziv, M., Goldin, P. R., Jazaieri, H., Hahn, K. S., & Gross, J. J. (2013). Emotion regulation in social anxiety disorder : behavioral and neural responses to three socio-emotional tasks. *Biology of Mood & Anxiety Disorders*, 3(20) 1–17.

Anexos

Anexo 1

Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social (EAESDIS)

(Pinto Gouveia, J., Cunha, M., & Salvador, M. C., 1997)

Instruções:

Segue-se uma lista de situações em que as pessoas podem sentir desconforto e mal-estar, o que pode levar ao evitamento dessas situações. Assinale o grau de desconforto ou ansiedade e o grau de evitamento que cada uma das situações assinaladas lhe provoca, utilizando a escala de resposta de 1 a 4, abaixo indicada. Aponte, nas linhas em branco, outras situações que lhe causam desconforto ou que evite mas que não estejam mencionadas. Se nunca se confrontou com alguma das situações apresentadas, imagine o desconforto que sentiria se tivesse que o fazer.

| Situações Sociais | Desconforto/ Ansiedade 1= Nenhum 2= Ligeiro 3= Médio 4= Severo | Evitamento 1= Nunca (0%) 2= Às vezes (1-33%) 3= Muitas vezes (34-67%) 4= Quase sempre (68-100%) |
|--|---|---|
| 1. Participar numa actividade de grupo | | |
| 2. Comer em público | | |
| 3. Beber num local público | | |

Anexo 2

Questionário de Regulação Emocional J. Gross & O. John (2003)

Adaptado para a População Portuguesa por Filipa Machado Vaz & Carla Martins (2008)

Instruções:

Gostaríamos de lhe colocar algumas questões acerca da sua vida emocional, em particular como controla (isto é, como regula e gere) as suas emoções. As seguintes abaixo envolvem duas componentes distintas da sua vida emocional. Uma é a sua experiência emocional, isto é, a forma como se sente. A outra componente é a expressão emocional, ou seja, a forma como demonstra as suas emoções na forma como fala, faz determinados gestos ou actua. Apesar de algumas afirmações poderem parecer semelhantes, diferem em importantes aspectos. Para cada item, por favor responda utilizando a seguinte escala:

1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5 ----- 6 ----- 7

| | | |
|----------------|--------------------|----------------|
| Discordo ----- | Não concordo ----- | Concordo ----- |
| Totalmente | nem discordo | Totalmente |

1. ____ Quando quero sentir mais emoções positivas (como alegria ou contentamento), *mudo o que estou a pensar.*
2. ____ Guardo as minhas emoções para mim próprio.

Anexo 3

Questionário de Agressividade (Cunha & Gonçalves, 2012)

Em baixo vai encontrar uma lista de afirmações. Em relação a cada uma delas, indique qual a resposta que melhor se adapta a si. Para responder, utilize as seguintes opções:
1 – Nunca ou Quase Nunca 2 – Poucas Vezes 3 – Algumas Vezes 4 – Muitas Vezes 5 - Sempre ou Quase Sempre

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 De vez em quando não consigo controlar a necessidade de bater noutra pessoa | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2 Quando não estou de acordo com os meus amigos, digo-lhes abertamente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |